

## **O decano Clube Jaguareense em Jaguarão RS: da fundação em 1881 ao final da última década do século XIX.**

**The Dean Jaguareense Club in Jaguarão RS: from the foundation in 1881 to the end of the last década of the nineteenth century.**

Enviado em: 30/09/2020

Aceito em: 05/01/2021

<sup>1</sup>Alan Dutra de Melo

### **Resumo**

O objetivo deste estudo é trazer o histórico e a memória do Clube Jaguareense em Jaguarão, cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Trata-se de recorte de uma pesquisa desenvolvida como tese de doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Serão desveladas parte das duas primeiras décadas do Clube social denominado como Jaguareense. As fontes utilizadas foram sobretudo vinculadas na análise de jornais da época. Destaca-se como conclusão do estudo a possibilidade de compreender sobre as formas associativismo e sociabilidade da época, em décadas relevantes para a sociedade brasileira, as quais aconteceram o fim da monarquia e implantação da república e ainda o fim da escravidão. O trabalho revelou que além de festas, no Clube Jaguareense existia também disputas políticas, estando situados no Clube Jaguareense lideranças da elite imperial e ainda foi centro dos debates da sua época, inclusive com a implantação de um clube abolicionista.

**Palavras chave:** Clube social Jaguareense; Brasil Império; Brasil República.

### **Abstract**

This study is to bring the history and memory of “Clube Jaguareense” in Jaguarão, a city located in the extreme South of Rio Grande do Sul, Brazil. It is part of a research developed as a doctoral thesis in Social Memory and Cultural Heritage. Part of the first two decades of the social club Jaguareense. The sources used were mainly linked in the analysis of newspapers. The conclusion of the study is the possibility of understanding about the associative forms and sociability of the time, in relevant decade for Brazilian society, which the end of the monarchy and establishment of the republic and the end of slavery. The work revealed the Club Jaguareense also existed political disputes, being located in the Jaguareense leaders of the imperial elite and was still the center of debates of his time, including the establishment of an abolitionist club.

---

1 - Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa - Câmpus Jaguarão. Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

**Key words:** Jaguareense Social Clube; Brazil Empire; Brazil Republic.

### **O decano Clube Jaguareense em Jaguarão RS: da fundação em 1881**

O Jaguareense foi fundado no dia 14 de agosto de 1881, conforme texto publicado por Claudio Rotta Rodrigues em 16 de agosto de 1981 no Jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre RS. A data é o ponto alto das suas comemorações anuais e na eleição para a nova diretoria, diferente da Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, também conhecida como Bailante – fundada em 1852, que ao que o estudo identificou as eleições ocorriam no começo do ano e, conforme material encontrado, eleições semestrais e não anuais como o Clube. A Sociedade Recreação Familiar Jaguareense foi extinta em 1881 para dar lugar para a criação do Clube Jaguareense. Em 1975 ocorre a extinção do Clube Jaguareense, sendo criada a Associação Cruzeiro Jaguareense, à partir de uma fusão com um clube esportivo local, o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, criado em 1924, portanto nova entidade, fruto da fusão das duas entidades mencionadas.

O Clube Jaguareense é criado em 1881, como primeiro clube da cidade, que antes congregada apenas em uma entidade, a Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, passa então a ser dividida, especialmente entre grupos com forte rivalidade política, de um lado a elite imperial, em declínio, e do outro, republicanos em ascensão. Do exposto, ao final da década seguinte, quando for inaugurada a sua sede própria, no primeiro baile em 1898, a sociedade será outra devido a vitória dos republicanos.

Seguindo com o clube, é preciso esclarecer que optou-se pelo tempo cronológico para dar sequência ao trabalho, mas não só, pois a história e memória não são lineares, portanto, será inevitável retornar fatos anteriores, assim como mencionar alguns que estão por vir. Não se trata de compreender a passagem do tempo, como se fosse uma sequência de fatos novos a cada ano, visto que o nosso objeto é um lugar de rituais da sociedade urbana, e se repetem com muita regularidade, como os carnavais, os bailes de aniversário da entidade, a comemoração do ano novo e outras festividades, ou seja, é um espaço da regularidade e da repetição.

Ciente disso buscou-se nuances e indícios, sobretudo, quando aparecem rupturas ou novidades, analisando, a partir das fontes consultadas apreender sobre aquele momento. Ademais, se a fonte principal são os jornais, não será desconsiderada a área de teoria da comunicação, quando aponta que uma notícia é

mais importante em virtude de maior carga de novidade e, é isso foi buscado em nossas fontes, não desconsiderando o trivial, quando oportuno.

Sobre o contexto de criação do Clube Jaguareense, retornando ao carnaval deste ano, 1881, entende-se a criação dessa agremiação como a derradeira ação dos monarquistas no xadrez cultural e político, uma forma de modernização da sociedade imperial, da qual uma parte das lideranças do clube era partidária, sobretudo Henrique d'Ávila e José Diana, expoentes da elite imperial, graduados em ciências jurídicas e sociais pela faculdade de direito de São Paulo. Modernizou-se, então, a sociedade, partindo da Bailante para um Clube Social com a ideia corrente, neste ponto, do século XIX, pois até esse momento, em 1881, só existia uma sociedade bailante na cidade de Jaguarão, denomina como Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, conforme pode ser encontrado mais detalhes em Melo (2018).

Destaca-se a expressão Clube, pois remetia aos clubes ingleses, clube de senhores. Em parte, pensa-se que tal justificativa é válida, algo expresso por um dos nossos entrevistados, o escritor Aldyr Garcia Schlee, ao lembrar das suas memórias no Clube Jaguareense na década de 1940, quando ainda residia em Jaguarão, Schlee faleceu no ano de 2018.

Desta forma, ancorados em Richard Sennet (2014, p. 128) ao descrever a formação dos clubes ingleses da metade do século XVIII, apontando que a ideia desta modalidade associativa era ampliar o prazer, através da seleção, onde se poderia ter um discurso mais afinado, segundo o autor “excluindo-se aqueles cujas vidas pessoais eram desagradáveis e alheias”.

Assim, o Clube Jaguareense, manteve esse caráter, onde deveria prevalecer o acesso e fruição entre os iguais. Sennet (2014, p.129) acresce o autor, que dada esta característica, fechada e limitada, depois com o passar do tempo e a ampliação das formas de sociabilidade os clubes acabaram, “provocando tédio”- aliás, foi encontrado em uma ocasião específica que um dos associados, em atividade comemorativa dos 40 anos do clube, quando um jovem, recita a poesia “O palhaço”, de Henrich Heine, também traduzida como “O tédio”.

De acordo com Senett (2014), a ocorrência de pontos de pleno contentamento pela convivência entre os iguais, e outros de profundo enfado, devido à regularidade e previsibilidade, das ações realizadas. E, tal ponto, é corroborado, com o anúncio da criação dos cinemas, no começo da segunda década do século XX, momento em que os cronistas locais, apontavam para a atividade de exibição de filmes, como um

ganho, especialmente para as mulheres, em Jaguarão, visto ser a estrutura do clube em termos de fruição, seria mais direcionada ao público masculino.

Portanto, o clube social busca a todo o momento romper com o marasmo, aderindo às novas modas, razão que justifique a sua vitalidade, seja aqui nesse trabalho, ou mesmo, se realizado o avanço até a atualidade, pois a Associação Cruzeiro Jaguareense, que mantém o remanescente dos bens do Clube Jaguareense, permanece em funcionamento.

O clube é caracterizado pela mudança, esse é o espírito do clube urbano, um equipamento geracional, visto que passaram pelos seus salões várias gerações. O ponto de equilíbrio, portanto, foram os jovens, os que dançavam, ou quando quiseram mudar as suas formas de bailar, de expressar o corpo, provocaram um equilíbrio dinâmico, com novos arranjos. É por isso, que seguindo com o clube, serão sempre encontradas mudanças, localizando-as com mais frequência no século XX.

Do exposto, é nesta contradição, que é possível discernir o funcionamento de um clube social, por um lado seguindo um viés conservador que remonta a sua origem na sociedade de corte, no império brasileiro do século XIX. E por outro, a sua abertura às novidades, algumas que permanecem e outras vão embora. Aqui cita-se a biblioteca, muito útil por um longo tempo, mas de acordo com um entrevistado que estava à frente do Clube em 1975, como presidente da entidade, no período da fusão com o Cruzeiro, Ubirajara Isquierdo, atualmente funcionário público aposentado, afirmou que a biblioteca não tinha mais procura na década de 1970, tanto que em 1987, seus exemplares foram cedidos para o Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Portanto, nesta penúltima década do século XIX, os clubes sociais e grupos políticos, especialmente os liberais, do Partido Liberal (Monárquico) e republicanos, aderem aos clubes sociais em Jaguarão e se dividem, sendo identificados os monarquistas, liderando o Jaguareense e os republicanos com proeminência no Cassino Jaguareense, mais tarde transformando em Harmonia, após a fusão mal sucedida empreendida entre o Clube Jaguareense e o Cassino Jaguareense em 1888.

Seguindo a historicização do objeto, encontrou-se uma nota mencionada e publicada no **Correio do Povo**, escrita por Rotta (1981), comerciante, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão por décadas, um dos nossos entrevistados em 2016 e falecido no ano de 2017.

**Jaguarão (Apenas para lembrar)** que no próximo dia 14 de agosto a Sociedade Cruzeiro Jaguareense, ex Cube Jaguareense estará completando

100 anos de idade. Das cinzas da extinta “Bailante Sociedade Recreação Familiar Jaguareense” que deixara um patrimônio de 1.300\$000 (um conto e trezentos mil réis) surgiu na data festiva de 14 de agosto de 1881 por iniciativa do Dr. Henrique d’Ávila, a nova sociedade que passou-se a chamar Clube Jaguareense (**CORREIO DO POVO**, 16 de agosto de 1981).

Encontrado o primeiro presidente, Henrique d’Ávila, ademais, com o fim da monarquia, d’Ávila não caberá mais no quadro da primeira república na cidade, e, portanto, será esquecido completamente, sendo, mais tarde, lembrado pelo clube uma única e derradeira vez nas celebrações do 66º aniversário do clube em 1947. Sobre a distinção entre o Clube Jaguareense e a Associação Cruzeiro Jaguareense, ressalta-se que o seu centenário é comemorado, apenas por acadêmicos, pois em 1981, a Associação Cruzeiro Jaguareense celebrava, não 100, mas os seus 6 (seis) anos.

Não é um movimento diferente do realizado pelo Clube Jaguareense em relação à Bailante, que deu origem ao clube, pois ela ficou no passado, embora pudessem, em termos de memória, manter uma relação que possivelmente aconteceu na época, pois as danças não mudaram e algumas pessoas eram as mesmas.

Porém, a presença da sede atual, central, como suporte de memória, o artefato arquitetônico, cristaliza um tempo e induz a pensar que foi apenas uma entidade, uma capacidade prodigiosa da memória que leva a imaginar ou acreditar, até mesmo, no que não existe mais, no caso, o Clube Jaguareense, extinto na metade da década de 1970. Recentemente, no ano de 2019 a sede central do Clube Jaguareense foi alienada em um processo judicial, permanecendo em atividade apenas a sede campestre e ocioso um campo de futebol, é também nesse contexto de mudanças que surgiu o interesse por esse objeto de pesquisa.

Nesse sentido, é dado relevo a esse estudo, pois bastaria o ingresso em sua sede central, para perceber que constavam na parede, destinada as fotos dos presidentes, em termos de memória eletiva e institucional, estritamente os que estiveram dirigindo aquela associação à partir de 1975 até a atualidade, isto até o momento da realização da tese de doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural, concluída em 2018, antes da venda do imóvel da sede central, no ano de 2019.

E sobre o valor elencado, como sobra da Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, um conto e trezentos mil reais, pela cotação da época, em dólar, com 0,45 dólares valendo mil réis, portanto seria na época, aproximadamente, US\$ 585,00 (quinhentos e oitenta e cinco dólares), de acordo com Ocaixa.com.br (2018) baseado no trabalho Holloway, T. H. sobre imigrantes para o café, editado em 1984.

Léo S. Brum (s.d.), dentre os poucos relatos com síntese histórica sobre o Clube Jaguareense, escreveu no mês de agosto no ano de 1963, em virtude da passagem pelos 82 anos da entidade. Sublinha-se a presença de José Francisco Diana, no Conselho Fiscal.

**Clube Jaguareense comemora passagem pelos seu 82º aniversário de sua fundação.** Jaguarão(Léo S. Brum) – O tradicional clube social do ‘Largo da Bandeira’, Clube Jaguareense, comemorou este mês, o seu 82º aniversário de fundação, cuja primeira diretoria constituída em 14 de agosto de 1881, era a seguinte: Dr. Henrique Francisco d’Ávila (Presidente), Major Manoel José Goulart (vice-presidente), Antônio Severo Vieira Valente (Secretário), Manoel Massada (Tesoureiro), Augusto Cezar Leivas, Major Manuel Francisco Soares, Prof. Teotônio B. Pereira de Mello, José da Costa Carneiro, José Luiz Estape, Manoel, J. G. Ramos, Antônio Maria Pinto, Coronel Thomas A. da Silva, Capitão Luiz Carlos B. Pinto, Pedro Maria Carriconde, Francisco Silva e João Tomas de Mattos(Diretores), drs. Antônio Gonçalves de Carvalho, Estevão de Souza Lima e José Francisco Diana (Comissão Fiscal). (BRUM, s.d).

Nota-se que nessa lista não consta a maior liderança republicana de Jaguarão, o Dr. Carlos Barbosa, assim como , como liderança do “Clube Tal”, Manoel de Deus Dias, que atuou como liderança republicana em Jaguarão, ao lado de Barbosa. Deus Dias teve grande destaque no carnaval de 1881, onde apareceu inclusive sátira aos imperiais e suas obras de melhoramentos em Jaguarão, em especial sobre a desobstrução para melhorar a navegação que era o acesso principal à cidade, via o rio Jaguarão. De acordo com Melo (op. cit., 2018), o carnaval de 1881 pode ser considerado como republicano, demonstrando forte uso do espaço público da festa para crítica social e política contra as lideranças imperiais.

O Jaguareense, tal como será chamado até o seu encerramento é referenciado na imprensa local como “o decano dos clubes”. E sobre ser o mais antigo clube da cidade, em entrevista realizada com Neuza Marilu Peres Duarte, que atuou no clube ao final da década de 1970, levantou-se a hipótese, de acordo com o conjunto dos dados coletados, de que o clube seria o mais conservador da cidade, em comparação ao Harmonia. Em resposta, ela acena com certa coerência nessa assertiva, e nos aponta uma hipótese, pois segundo ela, poderia ser verdade, tendo em vista o “peso da tradição, sendo o clube mais antigo”. Marilu Duarte, foi graduada em Estudos Sociais, no primeiro curso superior implantado em Jaguarão ao final da década de 1960, como extensão da Universidade Católica de Pelotas e, em Psicologia, escritora, foi a primeira diretora da Casa de Cultura Pompílio Neves de Freitas, em Jaguarão, na década de 1990, falecida no ano de 2019.

E, seguindo nos jornais, em suas notas, registros, pistas, a primeira aparição do Clube Jaguareense, é encontrada em 1º de setembro de 1881, no jornal **Atalaia do Sul**, referindo-se a um sarau com a cantora Percília Villas Boas e tocando piano professores D. Estevão Albis e D. Luiza Silva. O cronista atesta que a atividade ainda foi no prédio da Bailante e explica que é sócio, anunciando para sustentar a sua crítica às conversas paralelas que atrapalharam a apresentação.

Parece que essa ampliação do espaço público, saindo da predominância dos bailes, como foram na “velha bailante”, propiciou este lugar para o encontro, pois, mais do que participar das atividades propostas, relevante era sair de casa e conversar de forma amena, entre os amigos e amigas. E nesse sentido, evidencia-se que a Bailante e o Clube foram os primeiros equipamentos sociais e culturais, abertos às famílias, assim como as primeiras entidades associativas da cidade, lembrando que em termos de espaço aberto para a participação social, no século XIX, havia a Igreja como o maior centro social e também a Maçonaria, exclusiva para os homens.

Nos jornais, a segunda menção ao Clube Jaguareense, aparece no jornal **Atalaia do Sul** em 11 de setembro de 1881, conforme segue: “o dia da nossa emancipação política foi festejado com esplendido baile no salão do Clube Jaguareense”, portanto o sete de setembro. Ainda sobre a nota:

As 9 ½, depois de entoadas os vivas do estilo pelo Exmo. Sr. General Cezar da Silva, cantou o hino da Independência a Exma Sra. Maria Joaquina Condessa. Depois que se conservou o baile sempre animadíssimo. A concorrência foi regular. O baile terminou às 3 horas da madrugada”. (**ATALAIA DO SUL**, 11 de setembro de 1881).

De acordo com Martins (2001), no ano de 1882 foi instalado no Clube Jaguareense, as atividades da Sociedade Emancipadora, com a finalidade de alforriar escravos. Logo, se percebe a importância de estudar esta entidade associativa e sua trajetória, visto que ela se entrelaçada com a história de Jaguarão. O tema da abolição da escravatura estava em voga e muito presente entre os liberais do Partido Liberal (monárquico), de tal modo, que parece coerente o fato da nova entidade ter este vínculo com o clube.

E, sobre a cidade naquele período, Martins (2001), destaca a pujança na década de 1880.

Jaguarão entrava nos anos 80 embalada pelo bom desempenho econômico iniciado na década anterior. Alguns historiadores rio-grandenses a colocam como a 4ª ou 5ª cidade mais importante da Província neste momento, embora se tratar de um pequeno núcleo urbano de nível de desenvolvimento pré-industrial, com pouco mais de mil casas e seis a sete mil habitantes. E pelo

recenseamento de 1890 havia 10.761 habitantes em todo o município. (MARTINS, 2001, p.142).

Sobre a criação da Sociedade Emancipadora Jaguareense, junto ao Clube Jaguareense, encontrou-se referências, no material pesquisado, de que **o estandarte de cetim azul tecido em seu centro a palavra liberdade em fios de ouro** [grifo do pesquisador], teria sido guardado no prédio da intendência, mais tarde prefeitura, e a documentação sobre a atuação do grupo estaria, na época, com a Câmara de Vereadores.

Dizia a nota que costumavam arrecadar recursos para alforriar um escravo por mês. Andréa Gama (2010) aborda a fundação da Sociedade Emancipadora, realizada no Clube Jaguareense em 9 de outubro de 1881, dez anos após a aprovação da lei do ventre livre em 1871.

Instalação da Sociedade Emancipadora Jaguareense ocorreu, em meio a festejos, somente no dia 9 de outubro de 1881. No episódio, quatro escravos foram libertados por iniciativa de seus amos: Estácia, por Joaquim Licurgo de Figueiredo; outros dois, sem nome, pelo Capitão Joaquim Francisco das Chagas e sua genitora, Francisca de Ávila e, finalmente, o quarto escravo, pelo capitão Manoel José da Rocha. A Sociedade Emancipadora, graças aos fundos arrecadados, alforriou, por sua vez, o preto Catão. Na ocasião, leu-se, ainda, em razão da empolgação que contagiava a sociedade, um ofício firmado por Theodora Netto, esposa do Coronel Manoel Amaro Barbosa, no qual foi declarada a liberdade da escrava de nome Ignez. A cativa, que assistia à solenidade, recebeu sua carta de liberdade em mãos. Os discursos que se seguiram aludiam, em grande parte, a episódios históricos. Falava-se nas aspirações de liberdade inspiradas na Revolução Francesa, nos exemplos das grandes nações dos domínios do ultramar, e no caminho de ascendência ao progresso e civilização que começava a trilhar a pequena cidade ao Sul do Brasil. (GAMA, 2010, p.108).

E Ferrer (2011), descreve o funcionamento da Sociedade Emancipadora Jaguareense, apontando os seus membros, dos quais não constam os liberais do Partido Liberal (Monárquico) elencados anteriormente, e não se sabe se estariam ou não na cidade nesse período, ao menos d'Ávila, pois é de conhecimento desse pesquisador que em 1883 exerceu o cargo de Ministro da Agricultura, denominada a época como Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, assumindo no dia 07 de janeiro. Destaca-se a presença de Carlos Barbosa entre os abolicionistas e Ferrer (2011) esclarece que constavam alguns antigos combatentes da Guerra do Paraguai e outras lideranças locais, pelo visto, o clube era não só abolicionista, quiçá também tivesse alguma disposição republicana.

Ainda no contexto da política local, torna-se necessário referenciar que o Partido Republicano foi fundado em 1882 em Jaguarão, assumindo como presidente o médico Carlos Barbosa Gonçalves e vice Manoel de Deus Dias. Conforme segue, sua



proximidade remete às parcerias evidenciadas entre d'Ávila e Diana que atravessaram os planos político, cultural e econômico.

Em setembro do mesmo ano (1882) ficou o Clube definitivamente organizado, com a seguinte diretoria: Presidente, Dr. Carlos Barbosa, Vice-Presidente, Manuel de Deus Dias; Secretários, Eugenio Rache e Innocencio Etchegoyen, Diretores Marcínio Mattos, Manuel Ignacio Rodrigues, Benjamin Reis e Augusto Cezar Leivas (MONOGRAFIA DE JAGUARÃO, 1912, p. 63).

E sobre a temática política, segue apontamento registrado na Monografia Jaguarão (1912. p. 64), trazendo o clima naquele período, reconhecendo os monarquistas, como os retrógrados “[...] **para os monarquistas de Jaguarão, a ação dos missionários era um mito (...) pregavam no deserto e a tremulação da nova bandeira, era para os retrógrados, a louca ambição de romanescos sonhadores!**” [grifo do pesquisador]. Segue adiante o tema, sobre os republicanos em ascensão, corroborando com o apontamento sobre a liderança de Manoel de Deus Dias, visto que esta reunião ocorre na sua casa.

A quarta reunião do Clube republicano, realizada em 18 de janeiro de 1883, à rua Uruguaiana, residência do vice-presidente, foi aberta pelo Sr. Dr. Carlos Barbosa, Presidente, que em eloquente discurso, profundamente magoado, como cidadão e republicano, pede um voto de pesar, lavrado em ata, pelo passamento infausto do glorioso francês Leon Gambetta, o grande republicano da Pátria Espiritual dos povos que mantém a bandeira de Ordem e Progresso. (JAGUARÃO, 1912, p.65).

Cabe frisar que Léon Gambetta é reconhecido por ser um dos protagonistas da proclamação da terceira república na França, mesmo em condições desfavoráveis, de tal modo que esta é uma das únicas interjeições encontradas e aqui se dá relevo ao período em que Carlos Barbosa foi revolucionário.

Em 28 de maio de 1883, a **Revista de Engenharia**, editada no Rio de Janeiro, publica nota sobre a continuidade das obras do sangradouro da Lagoa Mirim e, naquele momento, estava presente José Francisco Diana, que discursou, fazendo um histórico da obra. Mais tarde, no mesmo local, antes de encerrarem a solenidade com **“um brinde ao Imperador”** [grifo do pesquisador], segundo a revista, teria um sarau nos salões do Clube Jaguareense, oferecido pelo comércio local, aos Sr. Nicoláo Barcellos, engenheiro fiscal, e aos engenheiros da obra Ahrons e Cardoso, como representantes do Sr. Carvalho Bastos, empreiteiro da obra.

Diz a nota que seria em regozijo do melhoramento iniciado em consideração e apreço por serem dignos e tão distintos hóspedes. Do exposto, reitera-se a percepção de manutenção do clube como salão municipal e o seu uso, para mais um cerimonial,

expressando a hospitalidade local e por outro, é uma oportunidade de encontro, seja de negócios, política e lazer, muito provavelmente, neste caso, as três opções.

Encontrou-se em 1883 um jornal, na verdade, um suplemento literário denominado **A Luz**, de 30 de dezembro de 1883, onde está publicada uma crônica jovial, relatando os contornos românticos de um baile no Clube Jaguareense, citando fatos e pessoas, sem dar o nome, que provavelmente seriam de conhecimento público, ao menos deste grupo que deveria congrega os redatores e leitores do suplemento. Aparece como responsável pela publicação “Praxedes da Costa & Comp”, ano 1, número 1.

Diz o redator, um moço “lança à diversas belezas deste torrão, olhares que produzem mais efeito do que uma pilha de volt”, o tão mencionado anteriormente como belo sexo, ou seja, a mulher, aqui passa a ser denominada como sexo frágil e o homem denominado como sexo feio, agora é o gentleman, realmente, as mudanças são perceptíveis, em termos de comunicação, apontando para o clube, como um espaço mais moderno.

Quem assina é “o repórter”. O relato desvela os novos caminhos da sociabilidade em Jaguarão, ou seja, vai deixando, aos poucos, o espaço do clube, como local secundário do teatro do poder, e toma o centro as relações familiares, afetivas, em especial as que envolvem iniciação social e amorosa na juventude, seja de forma direta ou idealizada. Para esse redator, jovem, certamente, não aparece o presidente do clube e autoridades presentes, mas eles mesmos, o foco muda, deixa de ser o palco das autoridades, e volta-se para o cotidiano e as relações de produção de sentido e subjetivação no campo afetivo especialmente.

Retomando a periodização da época, segue o apontamento sobre atividade recreativa realizada no Clube Jaguareense em 1884, um concerto, com apresentação de uma professora acompanhada de alunas.

[...] [P]ortanto, resta-nos apenas felicitar a todas as pessoas que nele tomaram parte, pela maneira diária que interpretaram essas produções mimosas de grandes maestros; e a nova diretoria do Clube que tanto se esforçou para dar a essa apreciada festa o maior esplendor possível. Oxalá que a distinta professora, D.Luizinha Silva, com suas esperançosas discípulas, nos proporcione muitas noites agradáveis como essa de que viemos a falar. (**A LUZ**, 27 de janeiro de 1884).

Em outra edição do Jornal **A Luz**, de 06 de janeiro de 1884, assinado pelo seu proprietário Praxedes, para não fugir ao debate corrente, resolve fazer um desabafo, escrevendo a crônica “Os Pedantes”. Diz ele “[...] estão por toda parte, alegres,

trajados; Ao novo figurino, à moda, no rigor [...]; De barba sempre feita e pelos bem frisados; Luvas de pelica e chapéu castor... e arreбата... **uns são republicanos e outros monarquistas[...]; E aqui no meu pensar, não passam de pedantes!**" [grifo do autor]. Nota-se o refinamento do padrão de sociabilidade, assim como mal-estar do escritor ao observar os grupos em ebulição, no caso, os republicanos e os monarquistas, bem como o certo desdém de quem não estava tão atento ou interessado às disputas em curso.

Ressalta-se que, nessa época, um tema emergente estava na pauta local, o divórcio, embora proibido pela igreja, fazia parte das discussões na localidade, tendo em vista o insucesso do casamento de Minervina Carolina Correa, casada em 1883 e que havia ingressado com um processo eclesiástico para a sua separação. Por ser influente na cidade, deixou uma imponente igreja e a sua estória, vai e volta, de acordo com os humores, mas de forma mais recorrente, aparece como a que foi abandonada pelo marido. Ela superou, em parte, o seu revés matrimonial mantendo uma trajetória como benemérita de diversas entidades na cidade, assim como pela externalidade de intensa devoção religiosa católica (inclusive teve um estádio de futebol inaugurado em seu nome, o do Jaguarão Esporte Clube, inaugurado em 1º/05/1953 (A FOLHA, 02 de maio de 1953) e foi condecorada pelo Papa Pio XII com a Cruz "Pro-Eclésia e Pro-Pontífice"(A FOLHA, 25 de julho de 1953).

E ao pensar sobre a estrutura familiar da época, evidencia-se que o clube social era o espaço para a demonstração pública de um modelo de família desejável. E assim, é oportuno deixar um pai externar o sentimento corrente, e ser encontrado no discurso do Doutor José Maria Azevedo, em 1885, realizado em memória do Cônego Joaquim Lopes Rodrigues, após um ano do seu falecimento. A casa do Cônego Joaquim Lopes, mais tarde, seria comprada, e utilizada na reedificação onde da sede do Clube Jaguareense no centro da cidade.

Segue o Comendador Azevedo, destacando a família e a necessidade de obediência a ela, tal como fez o conhecido como Cônego Lopes. Diz Azevedo, enaltecendo o sentimento paternal, mencionado ao final da sua preocupação com o divórcio.

Um filho é a flor de dois amores, que a natureza, em cadinho de ouro, projetou e fundiu. Em verdade ainda mais. Um filho é um laço místico formado com fitas do céu, bordadas por mãos santas e que, ao sopro de Deus, prende aos corações de pai e mãe. Um filho é a nota mais harmoniosa de harpas, anjos, que atraí, aconchega, e vincula as almas do homem e da mulher que o sacramento do matrimônio identifica para sempre. Um filho é solene projeto, incessante contra o redivivo monstro em moda, perturbador

da estabilidade da família e da sociedade, propagandista da imoralidade – o divórcio (SOARES, 2011, p. 250).

Tal apontamento é importante, pois reflete, no contexto do estudo, essa nova fase dos clubes sociais, que permanece política, mas tende a ser o lugar de pleno exercício do poder familiar, mais ou tanto como outrora. Feita as revoluções, restaria aos pais atuarem em prol das suas famílias, com esse sentimento apontado de devoção aos filhos e na certeza do casamento eterno, sobretudo até onde vai esse estudo, visto que a lei do divórcio será aprovada em 1977.

Cabe aqui, aproveitar e apontar que os casais separados não frequentavam os clubes sociais e a questão das viúvas é ambígua, encontram-se estatutos do Clube Jaguarense, da década de 1950, que fazem menção positiva ao amparo das viúvas, e por outro lado, um dos entrevistados, atuante na década de 1970, relatou que “não se mandava mais o cobrador das mensalidades na casa das viúvas”, portanto deixavam de participar da sociedade.

O clube, com o passar do tempo, vai deixando aos poucos de ser maquinaria política para ser o lugar da produção dos casamentos e do lazer familiar, se consolidando como um banco, um estandarte, uma corporação familiar, como se fosse de ofício, repletos de regras e lealdades. Tratou-se de organizar através dos clubes sociais uma forma de corporativismo social, pois depois do primeiro, Jaguarense, viriam tantos outros, complementares e concorrentes entre si. Dessa forma, seja banco social ou corporação, é possível que fosse a junção de ambos, banco com o lastro social do mais importante ao menos, de acordo com os valores da época e a corporação no sentido da administração social, marcada pelo familismo e por regras de moral em maior parte rígida e de cordialidade (HOLANDA, 1995). E registra-se que, o clube social, ainda guardou dentro de si, com a mesma força de um fiel depositário, um imaginário que remete, para a elite, a lembrança da sociedade imperial, mantendo as rainhas, princesinhas, príncipes, sendo esses traços da sociedade colonial e imperial.

Retomando aos clubes locais, trazendo a criação do segundo clube, erguido sob o signo republicano, de acordo com Isadora Soares Botelho (2016), trata-se do Clube Cassino Jaguarense – que mais tarde vai dar origem ao Harmonia, fundado em 27 de janeiro de 1884, haja vista que a data não pode ter sido ocasional, pelo que representa para Jaguarão, mencionada, como de resistência a invasão dos brancos uruguaios no limiar da Guerra do Paraguai em 1865.

Não seria estranho fundar um clube social no dia 27 de janeiro? Pelo pesquisado, não, pois conclui-se, seguindo com Certeau (1995), que se trata de fortalecimento do grupo republicano, saindo das táticas, parte para as estratégias a partir do avanço da sua institucionalização. Segundo Botelho (2016), após firmada a ata de fundação do Cassino Jaguareense, constam como membros da primeira diretoria: “Dr. Diogo Alvares Fortuna, como presidente; Theotônio de Bittencourt Pereira e Mello, como vice-presidente; Dr. Pedro Caminha, como secretário; e, Paulo Rache como tesoureiro” (BOTELHO, 2016, p. 19).

Com relação ao objeto dessa pesquisa, identifica-se ao menos um nome comum entre os fundadores dos clubes, Augusto Cezar Leivas, está na primeira diretoria do Jaguareense e também entre os fundadores do Cassino Jaguareense. Agrega-se apontamentos da autora, sobre o Clube Harmonia, oriundo do Cassino Jaguareense, que fizeram parte da entidade em seu momento de fundação, 63,64% dos membros do partido republicano da localidade, portanto prevalece a correlação existente entre republicanos e o Cassino Jaguareense, nessa polarização ao que tudo indica, com a liderança do grupo monarquista que teria fundado o Clube Jaguareense.

Rotta (1990) em artigo publicado na revista do Instituto Histórico de Jaguarão afirma que **a Sociedade Cassino Jaguareense estava em sua fundação formada pelo ideal republicano** [grifo do pesquisador]. Em 25 de março de 1884, a sociedade seria instalada em prédio alugado do espólio do Cônego Joaquim Lopes Rodrigues (SOARES, 2011) por “cem mil reis mensais”, e como melhoramento para funcionar de forma de clube social, seria necessário que se “abra uma passagem a fim de comunicar a casa com o compartimento que servia de cartório eclesiástico”.

E tal imóvel foi, mais tarde, comprado e reedificado pelo Clube Jaguareense, acrescentando terreno ao lado, onde estaria a casa do Capitão Alfredo Reiveillan. Portanto, naquele local, em que foi a sede central do Clube Jaguareense, funcionou antes o Cartório Eclesiástico de Jaguarão. A casa havia sido inaugurada, no ano de 1880, e Cônego Lopes, conforme Soares (2011, p. 211), era muito bem quisto na cidade, tendo participação em todas as frentes, no Partido Liberal (Monárquico) e encontrou-se menção que frequentava a maçonaria. Lopes ficou conhecido por ter feito toda a campanha da guerra do Paraguai, portanto os 5 (cinco) anos. Deve-se registrar que no no prédio do Clube Jaguareense, em termos de história, estão as raízes do Clube Harmonia, quando ainda era o Cassino Jaguareense, pois iria ocupar a sua sede atual somente a partir de 16 de maio de 1891.

Durante o ano de 1885, o Clube Jaguareense recebeu uma visita do Conde d'Eu, Luís Felipe Maria Gastão, esposo da Princesa Isabel, que estava em Pelotas. Consta que foi recebido com grande festa apenas no Clube Jaguareense. Sobre o contexto da visita real ao sul, Mario Osório Magalhães (1993), assinala a sua presença, dizendo que não passou despercebida a sua vestimenta, por estar com traje gaúcho. Acrescenta-se que o Imperador Dom Pedro II, quando visitou o estado em 1865, utilizava a citada vestimenta, com pala, bota e espora, chapéu, assinalando a tensão entre nação e região, e por outro, convergindo para considerável romantismo que tão bem caracterizava a sociedade imperial brasileira. Segue relato.

Mas o baile que ficou mais famoso receberia o nome de Baile do Paço: foi organizado em homenagem à Princesa Isabel e ao Conde d'Eu em 1885. Depois de uma permanência de cerca de três semanas em Pelotas, na noite de 21 de fevereiro a filha do Imperador compareceu ao prédio da Câmara Municipal acompanhada do marido, que chegara de uma viagem ao interior, de trem, nessa mesma tarde, envergando traje gaúcho. (MAGALHÃES, 1993, p.147).

Ainda em Jaguarão, segue apontamento de Léo Santos Brum (s.d.), aferido pela chamada da publicação que pelo contexto, afere ser do ano de 1963, embora estivesse sem data. Nota-se que entre a comitiva, além da autoridade real, se faziam presentes militares e a imprensa, através de um correspondente pessoal, Tinoco, representando o **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro.

Este clube, ligado à história de Jaguarão, tem em seu livro de visitas, a seguinte nota que merece destaque "A Diretoria do Clube Jaguareense tem a honra de apresentar em seus Salões Sua Alteza Real o Sr. Conde D'Eu, e sua comitiva, Jaguarão 25 de fevereiro de 1885, seguem-se as assinaturas autênticas de Gastão de Orleans, Conde D'Eu, Marechal do Exército, Tenente General Salustiano Jerônimo dos Reis, Brigadeiro D'Ármas, Augusto Cezar da Silva, Cel. Manuel Lucas de Lima, Maj. Joaquim de Oliveira Fontes (Secretario de sua Alteza Real) Capitão Agrícola Ewerton Pinto (Ajudante de ordens de Sua Alteza). Tinoco (Correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro) (BRUM, Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, s.d.).

O Cassino Jaguareense, naquele momento, estava mais posicionado com os republicanos. Reforçando o indicativo de que o Clube Jaguareense era o mais tradicional da cidade, oriundo da antiga Sociedade Bailante, possuía laços com a monarquia.

Sobre a visita do Conde d'Eu, em virtude dos ânimos acirrados entre republicanos e monarquistas, Martins (2001) a descreve como uma grande festa, mas também há nota no jornal republicano, A Federação de Porto Alegre, no dia 06 de abril de 1885, procurando desqualificar a visita, apontando como modesta. Conforme segue

trecho, recebido do jornal republicano, A Ordem de Jaguarão, do qual Carlos Barbosa fazia parte, conforme Ferrer (2011).

Uma retificação. Somente agora tivemos conhecimento do telegrama publicado no Jornal do Comércio de Porto Alegre, de 28 de fevereiro de último, relativo à chegada de sua alteza. O conde D'eu a esta cidade. Se a verdade relativamente aos fatos que se deram aqui por essa ocasião, não fosse tão corajosamente invertida transmissor desse telegrama, talvez o deixássemos passar sem contestação, como muitas outras coisinhas que por aí se fazem e se publicam. Entre outras coisas, diz o tal telegrama a que nos referimos o seguinte; "Em Jaguarão foi sua alteza alvo de vivas demonstrações de apreço; a municipalidade ofereceu a sua alteza um esplendido baile". Em primeiro lugar quais foram essas demonstrações de apreço, que tanto entusiasmaram o ativo correspondente do jornal? Parte da população desta cidade concorreu ao desembarque de sua alteza unicamente por curiosidade, não foi atraída por simpatias e nem teve sequer de dar-lhe vivas demonstrações de qualquer coisa. Assistiu ao desembarque de sua alteza como assistiria de uma raridade qualquer. E tanto isto é verdade, que sua alteza. Não mereceu sequer um viva da facção monárquica; foi recebido com a maior frieza, com a maior indiferença possível como bem disse galhofeiramente um sincero monarquista. Em segundolugar: o baile, esplendido, oferecido pela municipalidade a sua alteza onde foi realizado? Nós o ignoramos. O que se deu aqui foi o seguinte. Um distinto jovem desta cidade ofereceu ao amigo Tinoco do Jornal do Comércio da corte, **um improvisado baile nos salões do Clube Jaguareense** [grifo do pesquisador], e casualmente, sua alteza, que tinha sido convidado por uma comissão para honrar os salões dessa florescente sociedade com sua principesca presença, aí compareceu mais ou menos na hora que começou tal baile, dançando duas quadrilhas e retirando-se depois. (...) (Ordem de Jaguarão). (**A FEDERAÇÃO**, 06 de abril de 1885).

Do exposto, é flagrante as disputas entre monarquistas e republicanos, em tom acirrado, e o uso da imprensa, como forma de ação política. Parece que apesar do exagero do noticiário, o baile foi dado ao Conde d'Eu, conforme se registrou acima, sobre sua passagem pelo clube. É muito inverossímil, como aponta a nota, que o baile tenha sido ofertado ao jornalista Tinoco do Jornal do Comércio, embora conste na comitiva. De qualquer forma, para esse trabalho, sobre o Clube Jaguareense, é importante ressaltar que o Conde d'Eu foi recebido apenas no Jaguareense e não no Cassino Jaguareense.

O jornal **A Instrução** de 9 de janeiro de 1887, com sua filiação a seguir como órgão da biblioteca juvenil, sendo que a pesquisa identificou alguns periódicos aparentemente sem filiação partidária, mas direcionados para uma geração, os jovens, e ao que o nome indica, estava situado no seguimento dos jornais literários, pelo teor da linguagem com apelo juvenil, inclusive ao longo do texto utiliza a expressão ao "jovial leitor".

Além disso, narra o episódio do dia 31 de dezembro de 1886, quando passou a virada do ano em um baile no clube, por se tratar de um momento importante nos clubes sociais, que segundo o entrevistado Claudio Rotta, se manteve até a década de

1970, quando os sócios dos clubes esperavam o ano novo entre os associados. O relato de Rotta, acompanha o descrito por Sennet (2014), como aponta em sua obra, “O declínio do homem público”, com o tempo em que a sociedade se voltaria mais para a vida privada, e a própria obra foi escrita na década de 1970, corroborando com o entrevistado sobre uma mudança corrente nos padrões de sociabilidade.

Retomando, a nota em questão é “O baile do 31 passado no Clube Jaguareense” em 1886, que discorre sobre passar este momento nos “vastos salões do Jaguareense”. Diz o narrador, que se dirige mais uma vez às leitoras, sublinhando que a temática seria do interesse das mulheres, e descreve os arranjos de flores, a música, a beleza feminina descrita como “belo sexo” e que o Diretor do clube J. M. Dutra, enfileirou os jovens no salão para que dançassem a primeira quadrilha, ou seja, ele era o marcador de quadrilha.

Após passaram a dançar uma polca, menciona terpsícore, diz ele, sobre a conclusão do baile, “[...] aos deleites da primorosa terpsícore – a musa predileta da dança” e cita euterpe, aos “[...] sons da encantada e arrebatadora euterpe”, portanto musa da música – o uso de terpsícore era usual na literatura ao se tratar de dança, e assim permaneceu por um bom tempo, essa referência é encontrada, por exemplo, em um conto do escritor Machado de Assis em uma seção de um dos seus livros, Esau de Jacó.

Depois, em 1887, retornando as movimentações políticas acerca dos republicanos da época, tema considerado necessário acompanhar, até a proclamação da república, pois tais contendidas passavam pelos clubes sociais.

Em agosto desse ano (1887) o Clube Republicano resolve enviar um representante ao Congresso político de Santa Maria da Boca do Monte, sendo pelo Sr. Augusto Leivas lembrado o nome do sócio Amâncio Nogueira, ou algum republicano residente na localidade. Em discussão ficou assentado que deveria ser o representante o Sr. Herculano Montenegro, que aceitou, sendo o seu procedimento louvado pelo Sr. Presidente. (JAGUARÃO, 1912, p. 66).

Dessa nota, faz-se um apontamento, ao identificar Amâncio Nogueira, que mais tarde vai ser presidente do Clube Jaguareense, sendo o comprador da sede central em 1890, demonstrando a ascensão dos republicanos que circulavam em ambos os clubes sociais. Assim como Augusto Leivas, que constava, conforme mencionado, entre os fundadores de ambas as entidades.

Ainda sobre os ânimos acirrados entre monarquistas e republicanos, segue uma nota sobre o agravamento que cercava a sucessão do trono, como assunto



nacional, com reflexos em Jaguarão e São Borja/RS, período em que o Imperador estaria na sua última viagem para a Europa, em virtude de tratamento de saúde.

Em 1888, a Câmara de São Borja, a 13 de janeiro, convida a Câmara de Jaguarão, para tornar-se solidária, representando aos poderes do Estado, para dado o fato lamentável do falecimento de Sua Majestade Imperial, se consulte, por meio de um plebiscito, se convém a sucessão do trono de uma senhora obcecada por uma educação religiosa e casada com um príncipe estrangeiro. (JAGUARÃO, 1912, p.67).

Tal proposta, que versa sobre a realização de um plebiscito, para definir os rumos do Brasil, sendo premente o falecimento de Dom Pedro II, que de fato ocorreria em breve, pois veio a falecer no ano de 1891 em Paris. Salienta-se que a proposta apresentada pela Câmara de Vereadores de São Borja ganha apoio em Jaguarão dos vereadores republicanos Lavra Pinto, Sr. Herculano Montenegro, em oposição dos monarquistas Silvestre Nunes Gonçalves e Antônio Costa Silveira e Vasco Pinto Bandeira.

Sublinhe-se esse episódio, pois deixa inequívoco como os ânimos estavam por um fio em todo o país, entre monarquistas e republicanos, frente às inevitáveis mudanças que cercavam o destino nacional, de tal modo, que esta temática era discutida e debatida de forma franca e aberta em todas as frentes possíveis.

Em 1888 de acordo com Rotta (1990), o Clube Jaguareense teve uma fusão efêmera com outro clube o Cassino Jaguareense, desfazendo a união no mesmo ano. Sobre a fusão, foi questão aventada em setembro de 1888, através de ofício assinado pelos sócios Vasco Pinto Bandeira, João Hélio de Faria Santos e Diogo A. Fortuna e os designados para tratar da união foram Conselheiro Diana e Monoel de Deus Dias, sendo a união efetivada em 30 de setembro de 1888, conduzida por José A. Figueredo - tendo como destaque Diana e Deus Dias como mediadores.

Com relação a esse episódio, acredita-se que os custos financeiros envolvidos na criação e manutenção das atividades comuns em dois espaços, pode ter colaborado para a busca do entendimento. Porém, não deu certo a aproximação das entidades, segundo consta por motivo de costumes, teriam querido os cassinenses, introduzir a moda do “cordão” trazida do Rio de Janeiro. A sociedade foi desfeita no mesmo ano.

Restou a retomada do clube fundado em 1884, mas agora com outra denominação, o **Harmonia Jaguareense** [grifo do pesquisador] para demonstrar, segundo Rotta (1990) a harmonia e amizade existente no grupo, sendo presidente neste momento Diogo A. Fortuna. Ainda hoje, o clube Harmonia, cuja edificação

concluída em 1891, guarda na fachada do seu imóvel, em termos de memória eletiva, o ano de 1884, momento de fundação do Cassino Jaguareense.

Havia no clube Harmonia muitos membros vinculados ao Clube Republicano, de acordo com Botelho (2016), observa-se que também mantém o gentílico jaguareense como referência ao município. Rotta (1981) afirma que os desentendimentos dos grupos se deram por motivos de costumes. Sobre o fato:

Em 1888, por unanimidade de votos, a Sociedade “Cassino Jaguareense”, que havia sido fundada quatro anos antes no dia 27 de janeiro de 1884, no sobrado da Rua do Comércio, atual 15 de novembro, onde funcionava a aula pública dirigida pelo Sr. Salvador Albuquerque fundiu-se ao Clube Jaguareense. A fusão, porém, foi efêmera, pois no mesmo ano, um dos componentes cassinenses, recém chegado do Rio de Janeiro, quiseram introduzir a última novidade dos salões cariocas que era o “cordão” surgiu forte divergência entre os associados. Os elementos cassinenses consideraram-se então como não fundidos e na mesma noite da dissolução compraram um terreno “defronte à praça” para a construção de uma sede, passando então o Cassino Jaguareense a chamar-se Clube Harmonia Jaguareense em 14 de outubro do referido ano. O Clube Jaguareense, porém, não ficou atrás, adquirindo logo em seguida, portanto, em 1890, o terreno atual, onde no mesmo ano começou a construção de sua sede que foi terminada em 1897. (ROTTA, **Correio do Povo** 1981).

E Carlos Barbosa Gonçalves, que mais tarde vai ser governador do estado entre os anos de 1907 e 1913, republicano, aparece entre os fundadores do clube Harmonia, porém também foi encontrado Henrique d’Ávila e José Francisco Diana como elemento mediador, de acordo com Botelho (2016). Sobre essa união e considerando Diana como mediador, destaca-se que no ano seguinte, ele seria nomeado Ministro de Negócios Estrangeiros, aliás, o último do período imperial, saindo de cena em 15 de novembro de 1889. Para acessar mais sobre as lideranças imperiais em Jaguarão, ver Both (2016).

Logo, fica evidenciado que um importante mediador procurou consertar e amalgamar as divergências existentes na sociedade local, como outrora, nos velhos tempos da Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, uma gente só, uma classe, uma elite. Porém, não teve êxito. Dado o mediador e as circunstâncias, entende-se que naqueles clubes poderiam apenas existir “dois países”, divididos pelas cores do regime político, de um lado um de predominância monarquista e alguns republicanos, do outro, republicanos e alguns monarquistas.

O Clube Jaguareense representava a tradição, o passado, a monarquia e no Harmonia, estava o futuro, a república, os jovens. Pelo visto, foram mesmo opositores, um, o Jaguareense, com as marcas, as chagas e as tradições do século XIX, por ser

herdeiro da Bailante, e no outro, a outra elite, remoçada e ao que parece, mais homogênea, harmônica, como celebra em seu nome.

Dessa forma, no plano simbólico, o Clube Jaguarense, sofre uma arrebatadora derrota com a queda da monarquia em 1889, embora sejam identificados alguns dos seus membros como republicanos, desde a sua fundação.

O certo é que ambas as entidades, após o desentendimento, construíram suas sedes atuais e a Sociedade Cassino Jaguarense funcionou onde hoje está o clube jaguarense por algum tempo e foi residência do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues, que teve grande proeminência social na cidade. Após, Soares (2011) afirma que os sucessores do Cônego Lopes levaram o imóvel a leilão judicial em 1890 (comprado pelo Clube Jaguarense), diz ainda que a morte do religioso foi em 12 de fevereiro de 1884.

Encontrou-se nota, de 1889, no ponto alto da tensão entre os clubes sociais, visto que a união não tinha dado certo e o cronista faz um texto jocoso, publicado no dia 10 de março, pelo Jornal **Ramalhete Jaguarense**, proprietário Pedro Odemar d' Oliveira, ano 1. Diz ainda que é um periódico "consagrado ao útil e belo", e pelo conteúdo do periódico, possui característica situada entre pasquim e suplemento literário.

Nesse momento, cabe destacar esse texto, que é uma sátira, descrita pelo "Pae Paulo", uma personagem, que seria um homem negro, utilizado para contar como foram os bailes nos clubes Jaguarense e Harmonia no carnaval de 1889, e descreve o carnaval, utilizando na narrativa uma dicção atrapalhada. E no final da nota, o redator pede desculpas aos leitores, pois não encontrou um jovem que pudesse ir aos dois clubes, devido à forte concorrência existente, e, portanto, a saída foi mandar este repórter.

"Pae Paulo", a personagem utilizada pelo redator, descreve que nesse ano, os clubes teriam no começo do carnaval saído em passeata pelas ruas, e sobre o Jaguarense aponta que levavam em sua passeata "uma rainha bem vestida". Relevante a menção, pois situa a tradição das rainhas dos clubes ainda no regime imperial e que permanece entre os clubes sociais até a atualidade, e no carro, ia uma sereia e um menino com uma gôndola remando. "Pae Paulo", narra que em um dos dias a passeata do Harmonia estaria melhor que a do Jaguarense, se não tivesse ocorrido um desastre, pois um carro triunfal do Harmonia bateu em uma árvore e quebrou.

É significativo o fato de que em 1889, antes da proclamação da república, os clubes mantêm intensa oposição, externada, sobretudo, no carnaval. O primeiro após o fim da união efêmera entre as entidades. A animosidade estava posta, de forma pública, debatida e descrita na imprensa local, principal meio de comentários sobre as agremiações. Dessa forma, esse estudo ressalta a relevância dos clubes com os desfiles públicos antes de entrarem nos salões, como um dos motivos que explica a pujança, organização, regularidade e mobilização social existente no carnaval de Jaguarão.

É defendido que a solução republicana definiria a questão política, mas permaneceria a emulação entre os clubes, sobretudo no carnaval, portanto a disputa, que nasce na política, é mantida no plano cultural. E a disputa é positiva para a cidade, pois, acredita-se que se não houvesse esta tensão, o carnaval de Jaguarão não teria tanta força, é dessa tensão entre as agremiações mencionadas que aflorou grande parte do tesão da festa.

Inclusive, passado mais um tempo, o carnaval de Jaguarão foi filmado e exibido no cinema de Jaguarão e de outros municípios no ano de 1921, quando começam a chegar os primeiros turistas para conhecer a festa no ponto da sua alta maturidade, passadas décadas de criação e experimentação da folia, a oposição dos clubes somava-se às demais folias existentes na cidade, conformando essa como um festa de massa que envolve todos os segmentos sociais. Sobretudo, levando ainda em conta o marco, de 1881, com os republicanos tomando as ruas, ampliando o espaço público.

O entrevistado Claudio Rotta mencionou que o carnaval de Jaguarão era conhecido desde muito tempo e não era “coisa de agora” nas suas palavras, mas ao analisarem-se as fontes do trabalho é que fica compreensível o sentido da assertiva, identificando o carnaval como um produto cultural em 1921, no tempo do cinema mudo, além, claro, da grande empolgação e uso do espaço público como marco da primeira explosão do carnaval na cidade em 1881, como relatado, qualificado agora, pelo carnaval de 1889, dado o fracasso da aproximação entre as agremiações sociais realizada em 1888.

E, após a proclamação da república, conforme trecho de uma nota sobre animosidade dos clubes, registrada no jornal **Zig Zag** de 14 de agosto de 1892, fala-se de “[...] um dos 29 que assinou o protesto”, neste caso parece razoável que possa ter sido algo aventado pelo grupo que apontou para cisão entre o clube Harmonia, saindo da associação com o Clube Jaguareense, em 1888. Pela nota, de pesar, a cisão da

elite foi uma marca importante, e o cronista afirma que “as famílias formavam uma família”, portanto, neste momento ainda se considera a existência dos dois clubes como uma fratura no seio da elite local. Segue nota.

**Crônica dos clubes.** Falarmos em Clube nesta terrinha é termos o caldo entornado [...]. É sempre a mesma estória[...] – Se não fosse papai, iríamos a reunião de sábado. Temos muita vontade de frequentar o Jaguareense; Mas o que havemos de fazer diz outra, se a mamãe não quer[...]. Olha [...] Maria da Conceição[...] ela disse que só depois de morta botaria os pés no Harmonia[...]. Mais adiante dois velhos conversavam, - Compadre, declamava o mais gordo, acenando com um braço, isso vai mal. Acabemos de vez com essa rivalidade. Ontem, minha prima e vizinha chegou a negarme o cumprimento por toleima de clubes. **Quem conhece há anos atrás, a sociedade jaguareense, tão unida, e alegre, fica pesaroso, com o andar das coisas. Era um céu aberto aquele tempo. As famílias formavam uma família.** [grifo do pesquisador]. Deus nos acuda se isso continua. Não acabará bem. (ZIG ZAG, 14 de agosto de 1892).

Portanto, em 1892, permanecia a rival dos clubes conforme mencionado, inclusive em tom saudosista, dos tempos de quando a elite era uma só, reunida na Sociedade Recreação Familiar Jaguareense, e inicialmente no Clube Jaguareense.

Sobre a tensão entre republicanos e monarquistas em Jaguarão, restaria mais um acerto de contas a ser resolvido no município, uma disputa entre a história e a memória, que segue com a mudança em nomes de ruas centrais de Jaguarão, conforme nota publicada no Jornal **A Federação** de Porto Alegre em 1893 – quando ainda tinha o costume de dar nome aos logradores públicos com as pessoas vivas.

Em Jaguarão, em razão de intensa reclamação popular, o intendente municipal substitui o nome da rua Senador Ávila pelo do intrépido e simpático republicano Carlos Barbosa, e o nome da rua Conselheiro Diana pelo ilustre presidente do Estado dr. Júlio de Castilhos. E essa mais uma homenagem justíssima nos serviços de dois cidadãos que se têm distinguido na defesa e consolidação da República no Rio Grande, contra os desordeiros e reacionários de todos os matizes (JORNAL **A FEDERAÇÃO**, 20 de março de 1893).

Portanto, encerram-se as inserções que envolvem este período de mudanças de regime político no Brasil e as relações com os clubes sociais em Jaguarão, com a alteração dos nomes dessas ruas, resolvendo uma importante questão. Após o fim da monarquia, D'Ávila permaneceu em Porto Alegre e Diana se estabeleceu em Montevideú. Ascendem os republicanos e são rechaçados os monarquistas, sobretudo pela mudança recente, que era necessária para construir a história da república e borrar a da monarquia. Não existe história sem o respectivo esquecimento.

Atualmente, d'Ávila possui uma rua, dentro do bairro Kennedy em Jaguarão, onde está localizada a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, próximo da rua

Conselheiro Diana, periférica em sua origem, pois estava em grande parte em frente ao Horto Florestal, que mais tarde vai receber a unidade da UNIPAMPA.

A memória de ambos foi retomada para nominar ruas através da lei municipal nº 866 de 24 de dezembro de 1969, que, pela importância que tiveram, foi uma ação de justa memória, de “repatriar” tais personagens da amnésia necessária dentro do processo que caracterizou a disputa entre monarquia e república, passados 76 anos do novo regime.

A rua, como suporte de memória, permite indagações que, nesse caso, invariavelmente se relacionam com a história local republicana, assim como da elite imperial, do Partido Liberal (monárquico), dos bacharéis em direito formados no centro do país que em sua época estiveram em plena ascensão. Como a história depende de escolhas, o exercício entre lembrança e esquecimento não termina, assim como as narrativas possíveis, pois a capacidade de narrar ganha contornos diversos, dependendo sempre da existência dialógica, entre o narrador e seu interlocutor.

Agora, retomando o objeto do estudo, especificamente a sede central do Clube Jaguarense, que foi adquirida pelo Sr. Antônio Amâncio Nogueira de Oliveira, conforme aparece no registro imobiliário, originada do espólio do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues.

De acordo com a certidão de registro do imóvel, conforme transcrição nº 18.852, do Livro 3-V, f. 11v/12, de 01 de março de 1966, consta como proprietário Antônio Amâncio Nogueira, tendo adquirido por Arrematação de Espólio do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues, conforme carta de arrematação de 6 e março de 1.890, do escrivão Darío Henrique Jacks, assinada pelo Dr. Juiz de Direito José Zeferino da Cunha, o seguinte imóvel: UM PRÉDIO, localizado na **Praça 13 de Maio** [grifo do pesquisador, pois a data remete a memória abolicionista], lado da rua 27 de Janeiro, nesta cidade, com seis janelas, duas portas e um portão de frente a leste, lindando, por um lado com Capitão Alfredo Revelean e fundos com Estevão Silva, um lado da rua 27 de Janeiro, Valor Cr\$ 16.150,00 Dezesesseis mil, cento e cinquenta cruzeiros. Condições: Não contam. Dou fé, Nada mais, eu M<sup>a</sup> da Conceição S.P. de Armas. Escrevennte Autorizada, mando digitar, rubrico \_\_\_\_ e assino (ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE, s.d.).

Portanto, o associado que arrematou o imóvel, Antônio Amâncio Nogueira, mencionado anteriormente entre os republicanos, também identificado em uma medalha, para apresentar aos amigos com fidalguia, mandando cunhar uma em Paris no ano de 1897, onde o Clube aparece de um lado e a fachada em relevo e no verso uma mensagem cordial e afetuosa aos amigos e consócios (documento de acervo particular de Cleber Carvalho disponibilizado ao autor). Do exposto, também fica evidenciado que a sede principal do Clube Jaguarense era oriundo da junção de

imóveis, à direita da porta principal atual que seria na época do padre e ao lado do imóvel do capitão Alfredo Reveilean, localizado na esquina.

A medalha em destaque, cunhada em Paris, demonstra uma pujança, uma comemoração, especialmente pelo fato de que em 1897 o imóvel é concluído, depois da sua reedificação. E representa um padrão de sociabilidade cordial entre o seu grupo social. Naquele período, e não só, o fascínio por Paris era muito grande, de modo que tal mimo poderia ter sido cunhado em qualquer lugar do mundo, mas o melhor seria que fosse produzido em Paris. Como diria no século XIX o nobre e político inglês conservador Lord Beaconsfield, Benjamim Disraeli, “só há de verdadeiramente interessante no mundo, Paris e Londres, o resto é paisagem” conforme lembrou Eça de Queiroz em sua obra “Ecos de Paris”.

Ainda sobre as atividades desenvolvidas, segue o registro, no jornal **O Diadema**, trazendo uma nova atividade, ao menos para esse trabalho, pois não foi encontrada referência ainda ao jogo de bilhar. Portanto, trata-se de uma ampliação na sua oferta de programas voltados para a recreação. A expressão “não poupa ocasião para iniciar diversões é inequívoca”. Segue.

A distintíssima sociedade, “Clube Jaguareense”, que não poupa ocasião de iniciar diversões aos seus associados, inaugurou domingo, um torneio de bilhar, que ficou dividida em cinco turmas. No próximo número daremos o nome dos vencedores, bem como dos prêmios que lhe couberam (**O DIADEMA**, de 18 de agosto de 1895).

Conforme anunciado, **O Diadema** publicou nesse mesmo dia,

Um fim brilhante teve o torneio de bilhar do Clube Jaguareense. Os prêmios couberam: - os dois tacos com inscrições e finas argolas de ouro e prata aos Srs. Joaquim Paiva e Zeferino L. de Moura; as duas bengalas também com inscrições e chapas de ouro e prata aos srs. José B. Piúma e Alferes C. Mano; o elegante chicote ao Sr. Armando Gonzales. Feita a distribuição dos prêmios discursaram Srs. Jose Thomas Porciúncula e Amâncio Nogueira. (...) e aponta ainda no final, “segunda-feira aconteceu uma turma-surpresa, e a entrega de uma caneta de ouro ao Sr. José Tavares da Porciúncula emprova pelos serviços prestados ao torneio”. (**O DIADEMA**, de 18 de agosto de 1895).

Do exposto, observa-se que os prêmios, mais do que um valor em dinheiro, são souvenirs em ouro e prata com inscrições, com a função de gerar memórias afetivas que se sobressaem aos laços de camaradagem e cumplicidade que caracteriza o grupo. Pelo visto, um traço da sociabilidade masculina e também clubística, pois cedo ou tarde muitos serão nomeados, homenageados e coroados, por tratar-se de um núcleo, voltado para reconhecer e encorajar as próprias virtudes.

Aponta-se aqui um nome importante, Zeferino L. de Moura, republicano, cabe ressaltar que ele foi opositor à liderança local de Carlos Barbosa. Segundo Franco (2001), Zeferino foi presidente do Clube Jaguareense e, novamente, são encontradas contendas políticas que passam pelos clubes sociais, assim sendo o clube, um equipamento social e cultural importante e bem localizado, vez por outra se pode encontrá-lo como casamata ocupada pelos grupos postulantes ao exercício do poder político.

Em 26 de setembro de 1896, o jornal do Rio de Janeiro **Gazeta de Notícias**, publica breve nota informando que o Clube Jaguareense havia inaugurado uma biblioteca e teria uma aula pública (Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1896).

No entanto, manter um clube social tem custos e isto aparece como preocupação nos reclames do Clube Jaguareense em 1898, no jornal **A Ordem**, de 25 de outubro de 1898. Um chamado assinado pelo secretário Eduardo Levy, “convida os cidadãos e sócios deste grêmio em atraso, solverem seus débitos até 25 de novembro, sob pena de exclusão, segundo artigo 11 de nossos estatutos”. Isso pareceu que seria também um reflexo do custo da divisão social, suportada por ambos os clubes e dado o caráter reservado das entidades, assumir e chamar publicamente os sócios pendentes é sinal de que este seria um problema sério. Embora cedo, o problema financeiro é indicativo relevante, sobre a dificuldade da sociedade civil manter o funcionamento dessa modalidade de entidade associativa apenas com os seus recursos e dos seus associados.

### **Considerações finais**

O estudo em questão, sobre o Clube Jaguareense, em Jaguarão, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil, trata-se do primeiro clube social fundado na cidade em 1881. Trata-se não só de um espaço para sociabilidade, embora também seja, mas, apresenta-se como uma arena de disputa entre os diversos grupos sociais, destacando-se as lideranças imperiais, ainda no período monárquico brasileiro, sendo um dos seus expoentes o fundador, advogado Henrique Francisco d’Ávila, foi Senador no período imperial, e ainda exerceu muitas outras funções públicas como presidente da Província do Rio Grande do Sul entre os anos de 1880 e 1881.



Nota-se que as discussões da época passavam pelos clubes sociais, como centro implantação de uma sociedade abolicionista no Clube Jaguarense, portanto, além de um espaço de lazer e disciplinamento familiar, no centro da sociedade patriarcal vigente ao final do século XIX, existiam outras funções, que incluíam ainda a existência de uma biblioteca.

Por fim, não como função menor, nota-se que a rivalidade entre os clubes sociais, que começa com disputas políticas entre monarquistas e republicanos, mais tarde após 1889, com a implantação da republica, será direcionada para o plano cultural, sobretudo pelas disputas entre os principais clubes da cidade no carnaval. É evidente ainda que o estudo revelou a dinâmica do “Salão da Casa-Grande”, em uma sociedade marcada pela trabalho de pessoas escravizadas e a sua transição para uma sociedade livre, porém ainda segregada, pois os primeiras pessoas negras somente ingressaram como associadas no Jaguarense no final do século XX, após 1988.

## **Agradecimento**

Agradecimento ao orientador de tese, professor Dr. Ronaldo Bernardino Colvero, professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. E ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, por disponibilizar o seu acervo para consulta. E ainda aos integrantes da Associação Cruzeiro Jaguarense, depositária de parte da memória do Clube Jaguarense, que franquearam o documentos disponíveis para a pesquisa. O trabalho deve ainda reconhecimento aos entrevistados que cederam o seu tempo e conhecimento disponível. E por fim, a Universidade Federal do Pampa, por ter disponibilizado tempo para o pesquisador dedicar-se ao trabalho.

## **Referências**

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 20 mar. 1893. Fonte: Biblioteca Nacional.

A INSTRUÇÃO, Jaguarão, 9 jan. 1887. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 30 dez. 1883. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 27 jan. 1884. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A ORDEM, Jaguarão, 25 out. 1898. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 11 set. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 1º set. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE. Registro imobiliário. s./d

BOTELHO, Isadora Soares. Entre danças e Tramas: os espaços de sociabilidade e os fundadores do Clube Social Harmonia Jaguarão (1882-1890). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Pampa, *campus* Jaguarão, 2016.

BOTH, Amanda Chiamenti. A trama que sustentava o Império: mediação entre as elites locais e o Estado Imperial Brasileiro (Jaguarão, segunda metade do século XIX). 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2016.

BRUM, Leo S. Clube Jaguarense comemora passagem pelo seu 82º aniversário de sua fundação. In: Álbum de recortes. Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. s.d.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes. 1990.

CLUBE JAGUARENSE. Estatuto. 1951.

DUARTE, Neusa Marilú Peres Duarte. Entrevistada por Alan Dutra de Melo.

FERRER, Francisca Carla Santos Ferrer. Entre a Liberdade e a Escravidão na Fronteira Meridional do Brasil: estratégias e resistências dos escravos na cidade de Jaguarão entre 1865 e 1888. 2011, 278 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2011.

FRANCO, Sergio Costa. Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.

GAMA, Andrea. O Legado da Escravidão na Formação do Patrimônio Cultural Jaguarense (1802 – 1888). Dissertação (mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). 2010, 119 f. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 23 set. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&PagFis=14961&Pesq=%22club%20jaguarense%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&PagFis=14961&Pesq=%22club%20jaguarense%22)>. Acesso em: 26 mar. 2018.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISQUIERDO, Ubirajara. Entrevistado por Alan Dutra de Melo.

JAGUARÃO. APONTAMENTOS PARA UMA MONOGRAPHIA DE JAGUARÃO: Exposição AgroPecuária, Porto Alegre: Intendência Municipal de Jaguarão, 1912.

MAGALHÃES, Mário Osório. Oportunidade e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPel/coedição Livraria Mundial, 1993.

MARTINS, Roberto Duarte. A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção da cidade de Jaguarão. 2001, 271 f. Tese (Doutorado em Histórias Especializadas). Universidade Politécnica da Catalunha, 2001.

MELO, Alan Dutra de. A Sociedade Recreação Familiar Jaguareense (1852-1881) e o Clube Jaguareense (1881-1975): entre a História e a Memória na Fronteira sul em Jaguarão RS. Tese de doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pelotas. Universidade Federal de Pelotas, 2018. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2018/12/tese-Alan.pdf> acesso em 26/12/2019.

O RAMALHETE JAGUARENSE, Jaguarão, 10 mar. 1889. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

REVISTA DE ENGENHARIA, Jaguarão, Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&PagFis=1006&Pesq=%22club%20jaguareense%22>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

RODRIGUES, Claudio Rotta. APENAS para lembrar (Texto de Claudio Rota Rodrigues - p.8). In: CORREIO DO POVO, Jaguarão, 16 ago. 1981. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ROTTA, Claudio (Rodrigues). Sociedade Harmonia Jaguarão- um século de história. Cadernos Jaguareenses, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão/Prefeitura municipal de Jaguarão, Jaguarão, p. 63-79, 1990.

RODRIGUES, Claudio Rotta. Entrevistado por Alan Dutra de Melo.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza Igreja Matriz do Divino Espírito Santo de Jaguarão. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Entrevistado por Alan Dutra de Melo.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público. Rio de Janeiro: Record, 2014.

O caixa. Site eletrônico. CONVERSÃO de reis para dólar em 1881. In: Disponível em: <<http://www.oacaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2018

O DIADEMA, Jaguarão, 18 ago. 1895. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ZIGZAG, Jaguarão, 14 ago. 1892. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.